

# Benjamin: tradução, alegoria e história(s)

**Maria Aparecida Barbosa<sup>1</sup>**

Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução e em Literatura, Universidade Federal de Santa Catarina,  
Florianópolis, SC, Brasil

**Helano Ribeiro<sup>2</sup>**

Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, RS, Brasil

## Apresentação

A Revista Linguagem & Ensino publica este número temático com textos provenientes de diversas instituições acadêmicas brasileiras, de pesquisadores que operam em torno da temática "Walter Benjamin: tradução, alegoria e história(s)". O objetivo do convite é provocar os pesquisadores da linguagem, aplicados paralelamente ao ensino, à discussão intelectual, o que por conseguinte desencadeou as elaborações específicas. Em traços sumários anunciamos nesta "Apresentação" os resultados desse exercício, e a finalidade não é a redundância e a reiteração das assertivas, mas o precípuo intuito de apontar intercessões axiais ou disrupções fasciculadas, modos de abordar os questionamentos propostos. Se no arranjo de suas indagações, as reflexões compartilham a chamada que questiona a linguagem como uma engrenagem instauradora de ordem e se interconectam, como ramificações adventícias em formas de artigos singulares, em compensação, se formulam e desenvolvem-se no sentido da respectiva concepção do objeto sob investigação que indica uma poética fadada à incompletude (*Geteiltheit*), ao invés de uma totalidade (*Ganzheit*).

Na linguagem, as ambivalências e as fraturas se proliferam em estilhaços correspondentes às inquietudes poéticas individuais, às literaturas nessas formas ainda possíveis em face da adversativa catástrofe do século ou de sua imanência nas expressões contemporâneas, identificadas sobretudo no sistema político repressor de liberdades e direitos individuais e coletivos. A ideia de pensamento em alegoria pressupõe uma multiplicidade de perspectivas e eventos em constelações de sentidos em formas de ruínas, ou seja, em formas provisórias sujeitas a movimentos de compreensão polissêmica,

---

<sup>1</sup> Doutorado em Literatura (Universidade Federal de Santa Catarina, UFSC). Professora da UFSC. Orcid: <http://orcid.org/0000-0002-6494-6757>

E-mail: [aparecidabarbosaheidermann@gmail.com](mailto:aparecidabarbosaheidermann@gmail.com)

<sup>2</sup> Doutorado em Programa de Pós-graduação em Teoria literária (UFSC). Professor da Universidade Federal de Pelotas (UFPEL). Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-0192-0397>

E-mail: [hjcribeiro@gmail.com](mailto:hjcribeiro@gmail.com)

horizontal, conotativa, anacrônica.

Henri Meschonnic, em seu livro, *L'utopie du juive*, apresenta o elo existente entre a tradição judaica e a alegoria. No texto "L'allégorie chez Walter Benjamin, une aventure juive", relaciona Walter Benjamin e Franz Kafka a partir de uma ideia que esses escritores colocam: a parábola como imagem da impossibilidade de acesso ao sentido. Não somente a parábola, mas igualmente a alegoria se revela uma poética desse mesmo fracasso. De um lado, a alegoria encarna a subjetividade da constituição deste sentido (in)acessível, de outro, aponta contundentemente para a historicidade do mundo. Assim, a alegoria é barroca, porque ela também é uma forma do inacabamento, da precariedade e da catástrofe da História.

Por meio do desvio que conduz ao pensamento do/no presente, pressupondo-o como um princípio de metodologia operacional de Walter Benjamin, a consideração da memória e da(s) história(s) em seus indícios perfaz uma topografia impregnada de riscos limiares na linguagem que desse cenário espacial e temporal captou sentidos que o excediam. Cada linguagem comunica em si mesma, seu próprio ser espiritual. Ou seja, não se trata da referencialidade que se faz através da linguagem - como um meio -, mas a linguagem em si mesma se expressa. A forma do drama barroco constituiria assim por excelência a *Darstellung* (apresentação) da alegoria de imagens seriadas do texto poético, a cada trecho se remetendo a uma potência narrativa, que renuncia à possibilidade de exaurir-se na verticalidade inequívoca de uma solução transcendente.

O pensamento se traduz em palavras e em imagens, manifesta-se em estruturas e articulações linguísticas; as indagações acerca da linguagem conduzem inevitavelmente à indagação acerca da tradução entre as línguas, ato que de modo semelhante pressupõe a observância de instruções técnicas, como em geral sucede aos constructos subord/e,i/nados. A traduzibilidade propicia a *Fortleben* (pervivência) da obra, *erneut* (renovada), em sua *Nachreife* (pós-madurar) e uma tradução estabelece uma espécie de fórum, ainda que volátil, ao debate concernente a afinidades e distinções entre as línguas.

Assim, os artigos aqui avaliados e selecionados apontam para a pesquisa em torno da temática proposta na chamada a partir das questões de tradução, alegoria e história na obra de Walter Benjamin. Por fim, a Revista Linguagem & Ensino agradece aos autores que contaminaram esta origem e lhe deram pervivência, no tempo de aqui e agora, nos estudos benjaminianos no Brasil.